

Teoria crítica e psicanálise: da crítica à modernidade ao antirracismo

Critical theory and psychoanalysis: from critique of modernity to anti-racism

Teoría crítica y psicoanálisis: de la crítica de la modernidad al antirracismo

 **Sílvio Camargo**

Bacharel em Filosofia (UFRGS), Mestre e Doutor em Sociologia (Unicamp). Psicanalista e Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: scccamargo@gmail.com

RESUMO

Este artigo, sob a forma de ensaio teórico, apresenta alguns dos desdobramentos de uma pesquisa que procurou investigar em que sentido é possível postular-se uma práxis psicanalítica emancipatória. A partir de alguns elementos da chamada teoria crítica da Escola de Frankfurt e, ao mesmo tempo, de experiências clínicas do pesquisador, busca indagar sobre a articulação entre modernidade e dominação, compreendendo tal relação como um problema que pode ser ampliado, no cenário contemporâneo, para formas de crítica que também estão presentes em outros modelos teóricos, para além da matriz frankfurtiana. Partindo das obras de Freud e Lacan como principais referências metapsicológicas, insere-se a hipótese do conceito de experiência social como um mediador através do qual se chega, por exemplo, aos problemas do racismo e do poder psiquiátrico como formas de enunciação apreensíveis pela escuta psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise; Teoria crítica; Modernidade; Racismo; Experiência social.

ABSTRACT

This article, in the form of a theoretical essay, presents some of the developments of a research project that sought to investigate in what sense it is possible to postulate an emancipatory psychoanalytic praxis. Based on some elements of the so-called critical theory of the Frankfurt School and, at the same time, on the researcher's clinical experiences, it seeks to inquire about the articulation between modernity and domination, understanding this relationship as a problem that can be understood, in the contemporary context, to forms of critique that are also present in other theoretical models, beyond the Frankfurt School matrix. Starting from the works of Freud and Lacan as the main metapsychological references, the hypothesis of the concept of social experience is introduced as a mediator through which one arrives, for example, at the problems of racism and psychiatric power as forms of enunciation apprehensible through psychoanalytic listening.

Keywords: Psychoanalysis; Critical theory; Modernity; Racism; Social experience.

RESUMEN

Este artículo, en forma de ensayo teórico, presenta algunos de los desarrollos de un proyecto de investigación que buscó indagar en qué sentido es posible postular una praxis psicoanalítica emancipadora. Con base en algunos elementos de la llamada teoría crítica de la Escuela de Frankfurt y, a la vez, en las experiencias clínicas del investigador, busca indagar sobre la articulación entre modernidad y dominación, entendiendo esta relación como un problema que puede ampliarse, en el escenario contemporáneo, a formas de crítica presentes también en otros modelos teóricos, más allá de la matriz de la Escuela de Frankfurt. Partiendo de las obras de Freud y Lacan como principales referentes metapsicológicos, se introduce la hipótesis del concepto de experiencia social como mediador a través del cual se llega, por ejemplo, a los problemas del racismo y el poder psiquiátrico como formas de enunciación aprehensibles a través de la escucha psicoanalítica.

Palabras clave: Psicoanálisis; teoría crítica; modernidad; racismo; experiencia social.

Introdução

Busca-se, neste artigo, sob forma ensaística, problematizar relações entre psicanálise, teoria crítica e dominação, adotando como ponto de partida teórico a herança do legado frankfurtiano, em especial o de Theodor W. Adorno. Por outro lado, procuramos ampliar as complexidades do conceito de dominação para além da matriz frankfurtiana, destacando as questões do racismo e da medicalização psiquiátrica como fenômenos contemporâneos da dominação capitalista, cujos efeitos se mostram na vida psíquica dos seres humanos e ressoam no âmbito da escuta clínica. As questões teóricas aqui apresentadas são de caráter interdisciplinar, mas têm como pano de fundo a própria práxis clínica e psicanalítica do pesquisador.

Advindo de experiências relativas a um percurso de formação em psicanálise, os problemas aqui suscitados resultam, ao mesmo tempo, de uma pesquisa acadêmica cujos resultados se somam a aproximadamente três décadas de pesquisas sobre teoria crítica que seu autor realizou no campo da teoria social contemporânea. Diferente de trabalhos anteriores, o ensaio aqui apresentado é um desdobramento da pergunta sobre “em que consiste uma práxis psicanalítica emancipatória?”, cuja postulação diz respeito a indagar a própria prática clínica daqueles que, ao invés de postularem a psicanálise como um saber pretensamente neutro, ou conservador, a enxerga, a partir de suas próprias origens com Freud (1919/2010), como um saber e uma prática com potencial também emancipatório.

Em que medida psicanálise e emancipação se coadunam não é tarefa tão fácil de responder, como problematiza, entre outros, o filósofo brasileiro Vladimir Safatle (2020). Tendo em vista essa dificuldade, para a qual não temos uma resposta pronta, atemo-nos um pouco mais em apontar para os modos pelos quais a dominação, indissociável do capitalismo e da modernidade, é enunciada pelos próprios sujeitos que buscam a escuta psicanalítica: os efeitos do racismo e do poder psiquiátrico são dois desses aspectos que se repetem na experiência da clínica, e que tornam evidente, tanto quanto o sofrimento dos(as) proletários(as) que acorriam a Clínicas Públicas dos anos 1930 (Danto, 2019), a incontornável relação entre psicanálise e política.

A relação entre o inconsciente, ou a psicanálise, e os processos históricos que a ela necessariamente se acoplam foi primeiramente tratada pelo freudomarxismo, com destaque para Wilhelm Reich (Gabarron-Garcia, 2023), e depois amplamente abordada pela Escola de Frankfurt¹, ao ponto de Freud se tornar um autor central para Adorno, Horkheimer e Marcuse. As relações entre psicanálise e teoria crítica tiveram inúmeros desdobramentos ao longo desses cem anos do *Instituto de Pesquisa Social*. O que se pretende, no que segue, é refletir, em um diálogo entre psicanálise, filosofia e teoria social, sobre desdobramentos contemporâneos da relação entre dominação e emancipação, em especial quando pensamos no Sul Global.

I — Teoria crítica, modernidade e dominação

O livro *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1985), colocou problemas para a teoria social contemporânea, que influenciaram ou anteciparam problematizações similares nas obras de Habermas,

Foucault e Jameson (Camargo, 2006 a). O problema da dominação era a questão central em torno da qual gravitavam as reflexões presentes na primeira geração da Escola de Frankfurt. Por outro lado, nas últimas décadas, os questionamentos teóricos sobre o que seja a dominação e a emancipação têm se mostrado ainda mais complexos. Uma dessas complexidades diz respeito à própria ideia de modernidade, e o modo pelo qual, além de pensar o conceito de capitalismo, se colocam fenômenos como os da colonialidade e do racismo. Também aqui se mostra a possibilidade de relacionarmos psicanálise e teoria crítica.

Pensar hoje uma práxis psicanalítica emancipatória, adotando como referência a interlocução com a teoria crítica, requer apreendermos, na própria clínica, as formas de subjetividade que expressam poder, dominação e injustiça em diferentes aspectos. Nas críticas da modernidade de pensadores como Adorno e Habermas, questões de raça e gênero, quando associadas à colonialidade, como exemplos, jamais se apresentaram como temas centrais, mesmo que não totalmente ignorados pelos autores. Devemos considerar, por outro lado, que a teoria crítica se constitui a partir de uma crítica da modernidade, mesmo que a entendendo, no interior da própria história da Escola de Frankfurt, de modos diferentes em suas respectivas gerações. Mas é possível sugerir que há um elemento em comum entre os frankfurtianos, sendo a adoção, como um ponto de referência, do pensamento filosófico e científico europeu no século XVIII, em especial o projeto da *Aufklärung* (Kant, 1985).

Adorno e Horkheimer recorrem a Freud para criticarem aquilo que Habermas chamará de um projeto inacabado da modernidade (Habermas, 1992), pois se trata de criticar a própria racionalidade moderna na qual o Eu cumpre funções de dominação da natureza externa e interna dos indivíduos. Trata-se também de uma crítica da ciência moderna. A partir disso, enxergamos alguns problemas, de difícil equação, quanto à relação entre a psicanálise e a herança da modernidade, quando pensamos, por exemplo, que o pensamento filosófico moderno tem início com Descartes e uma determinada forma de se postular o problema do sujeito. Se para Max Horkheimer o ponto de partida da “teoria tradicional” coincide com os primórdios da filosofia moderna (Horkheimer, 1983, p. 118), que se inaugura com Descartes, é instigante pensarmos como Freud se pautava em grande medida por uma standardização do ideal de ciência moderna. Algo que não foi seguido à risca por Jacques Lacan. Tais questões nos parecem relevantes porque pensar a emancipação, a partir da psicanálise, implicaria também pensar se para ela, quando toma o próprio inconsciente como ponto de partida, haveria um sujeito que a ela diz respeito. E se existe tal sujeito, um sujeito do inconsciente, que relação haveria entre ele e a emancipação?

Propomos aqui, como um ponto de partida reflexivo sobre a relação entre sujeito, modernidade e psicanálise, a adoção, como referência, do *Seminário 11* de Lacan (1964/1988). Na lição de 29 de janeiro de 1964, Lacan desenha um mapa desse problema, que diz respeito à relação de Freud e dele próprio com o cogito cartesiano. Diz Lacan que há aproximações e distanciamentos entre Freud e Descartes. O procedimento freudiano de filiação a Descartes diz respeito a uma busca da certeza, que se fundamenta no sujeito da certeza. Esta última é um ancoramento tanto para o sujeito da ciência como para o sujeito da psicanálise. Mas seus encaminhamentos são distintos. A dúvida é ponto de partida, mas ela irá adquirir estatutos diferentes em Descartes e Freud, sendo o sonho o modelo por excelência dessa aproximação e distanciamento entre eles. O sonho para Descartes é um dos argumentos metódicos para a dúvida que traz como certeza o “Eu penso”, enquanto para Freud o sonho é, precisamente, quanto às dúvidas que envolvem a sua narrativa, aquilo que aponta para outra certeza: a de que o “Isso pensa” (Freud, 1900/2017). Na transferência do sonho, há comumente uma dúvida, ou dúvidas, sendo nesses momentos em que se expressaria o pensamento inconsciente, como algo ausente, mas que está lá, embora não no Eu. Como diz Lacan:

É aqui que se revela a dissimetria entre Freud e Descartes. Ela não está de modo algum no encaminhamento inicial da certeza fundada do sujeito. Ela se prende a que, nesse campo do inconsciente, o sujeito está em casa. E é porque Freud lhe afirma a certeza que se faz o progresso pelo qual ele muda o mundo para nós (1964/1988, p. 39).

Um pouco antes dessa frase na lição mencionada, há, por outro lado, uma alusão de Lacan a uma possível diferença entre ele e Descartes e quanto a sua própria posição, não apenas a de Freud, onde ele diz que: “o eu penso, para nós, não pode certamente ser destacado do fato de que ele só pode formulá-lo dizendo-o para nós”

(1964/1988, p. 39). Em outras palavras, parece-nos aqui que Lacan, embora não volte mais ao tema nessa lição, está tentando dizer que esse Eu que pensa só pode sê-lo enquanto um ato de fala, de enunciação. Nesse momento, ele não avança quanto à questão da linguagem, mas podemos retomá-la em dezembro de 1965 na conferência *Ciência e Verdade*, quando ele diz:

Portanto, não é inútil repetir que, na experiência de escrever: *penso*: “*logo existo*” com aspas ao redor da segunda oração, lê-se que o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda a operação toca na essência da linguagem (Lacan, 1965/2022, p. 879).

Quando Lacan diz, nessa lição, que o “encaminhamento de Freud é cartesiano”, leva-nos a entender que Freud, e, portanto, a psicanálise, postula-se como uma herdeira da ciência moderna. Não evidentemente como herdeira de uma filosofia do sujeito, ou da consciência, cujas raízes também são cartesianas, mas afinada a essa modernidade que tem como ponto de partida esse ancorar-se no fundamento de um sujeito da certeza. Cabe insistir, neste caso, que se a certeza pode ser encaminhada para o campo do sujeito, é porque este se apartou por completo do objeto, o que demarcará, pelo menos até Hegel e Marx, incontáveis dilemas para a filosofia moderna.

Se Freud, e neste caso também Lacan, compartilham com Descartes esse primado da dúvida e se afastam quanto ao segundo momento, ou sobre o que significa pensar, esse afastamento é ainda mais evidente quando entra em cena Deus como fundamento último da ordem das causalidades (Descartes, 1983). Nesse ponto, a oposição entre pensamento cartesiano e psicanálise é radical, pois Descartes transforma Deus em um Outro que se apresenta como um sujeito suposto saber. Seria até desnecessário dizer que, para Lacan, o grande Outro nada tem a ver com um Deus fundador, mas se reporta a uma estrutura linguística originariamente inconsciente.

Uma das questões que continuo a achar instigante quanto à relação entre psicanálise e modernidade, como possíveis implicações para pensarmos a relação entre dominação e emancipação, é quanto às diferenças existentes entre Freud e Lacan acerca de suas leituras de Descartes e mesmo quanto à ciência moderna. Enquanto Freud buscava se manter fiel ao ideal de ciência moderna, algo distinto ocorre em Lacan, que embora busque igualmente essa filiação ao *cogito* cartesiano, aquilo buscado em seu pensamento parece ser a posição do sujeito como o que articula modernidade e psicanálise.

Aqui, cabe destacar, que, na própria forma de se interpretar a ciência moderna e a tradição cartesiana, também se colocam problemas acerca da dominação e da emancipação que, pode-se sugerir, estão além da própria crítica frankfurtiana. Em alguns modelos de pensamento contemporâneo, como, por exemplo, o pós-estruturalismo francês, os pressupostos de unidade e universalidade do sujeito cartesiano se tornaram amplamente criticados não apenas quanto ao envelhecimento do paradigma da filosofia do sujeito, mas quanto ao próprio pressuposto do *cogito* como ponto de partida para a constituição do saber científico.

Será ainda possível atribuímos a esse *cogito* cartesiano um modelo de sujeito da ciência que suporte um sujeito da psicanálise e do inconsciente? Em anos recentes, a crítica decolonial (Dussel, 2008; Grosfoguel, 2016) questiona igualmente o modelo dualista cartesiano como capaz de desvendar os dilemas da subjetividade moderna. Poderíamos falar hoje em um sujeito do inconsciente sem levarmos em consideração a crítica da colonialidade e do racismo? Em sua crítica da colonialidade, que vem associada a uma crítica do racismo, Grosfoguel apresenta o que chama de “os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI” como diretamente relacionados ao papel de Descartes:

A frase mais famosa de Descartes — “penso, logo existo” — constitui uma nova fundação do conhecimento que desafiou a autoridade do conhecimento da cristandade desde o Império Romano. A nova fundação do conhecimento produzida pelo cartesianismo não é mais o Deus cristão, mas o novo “Eu”. Embora Descartes nunca tenha definido quem é esse “Eu”, está claro em sua filosofia que o “Eu” substitui Deus como a nova fundação do conhecimento e seus atributos constituem a secularização dos atributos do Deus cristão (Grosfoguel, 2016, p. 28).

Referimo-nos ao fato de que as presunções de universalidade que caracterizam a filosofia e a ciência moderna também acabam transpostas, algumas vezes, para a psicanálise, sem que se considere que uma e outra foram forjadas, predominantemente, por homens brancos e europeus, oriundos das classes dominantes. Tais indivíduos buscaram impor ao mundo o seu modelo de conhecimento, considerando, em alguns casos, como não humanos, povos de outras partes do mundo, portadores de outras formas de saber e conhecimento, mas igualmente de outras características corporais, outras cores de pele. Assim, tentando justificar as digressões acima quanto ao problema do sujeito, sugiro que o muito recente debate que se instaura no campo psicanalítico, especialmente no Brasil, acerca da relação entre racismo e psicanálise, é uma discussão que tem a ver não apenas com psicanálise e política. Apenas isso já pareceria demasiado para muitos, como diria Castel acerca do “psicanalismo” (Castel, 1978), mas o debate que envolve psicanálise e racismo é também epistemológico. Lembremos que a teoria crítica, desde suas origens, falava sobre a relação entre ciência e dominação, e que o pensar a emancipação é algo que decorre de um posicionamento crítico diante da teoria tradicional.

II — Psicanálise, experiência social e racismo

Para tentar relacionar psicanálise, teoria crítica, decolonialidade e racismo, vamos falar, como recurso argumentativo, de um filme documentário brasileiro chamado *Estamira* (2005)², que poderá ser revelador, nas páginas que seguem, sobre a problemática da dominação e da emancipação para a clínica psicanalítica, envolvendo a questão da racialidade e da diferença. A história de vida narrada nesse documentário reúne diferentes elementos em torno dos quais podemos pensar a dominação em termos que nos parecem insuficientemente visualizados pelos teóricos da Escola de Frankfurt.

Estamira é uma “louca”, com comportamento tipicamente associado ao conceito de esquizofrenia, que vive de catar restos de lixo em um aterro sanitário no Rio de Janeiro. Manifestando sintomas usualmente atribuíveis a um psicótico, ela vive o seu delírio na labuta diária de recolher os detritos descartados pelas classes privilegiadas. *Estamira* se relaciona com a psiquiatria ao fazer uma consulta, uma vez ao mês, pelo SUS (Sistema Único de Saúde), e receber uma receita para os seus medicamentos, que, para o olhar de muitos pacientes psiquiátricos, parece ser causa, e não solução, de seus sofrimentos. Filha de uma mãe também diagnosticada com esquizofrenia, que acabou seus dias em um hospital psiquiátrico, ela foi na infância violentada sexualmente pela primeira vez. Foi coagida a se prostituir aos doze anos até o dia em que conheceu um homem que transformou significativamente sua vida. Reproduzindo um caso clássico de alguns amores que se constituem na sociedade capitalista, *Estamira* foi retirada da rua, ou do bordel, por um homem mais velho, estabilizado economicamente, mas que a desrespeitava reincidentemente. Entre outros fatos, este homem, com quem ela teve três filhos (as), obrigou-a a internar a mãe em um hospital psiquiátrico (Camargo, 2024, p. 27).

Estamira é uma mulher negra, com um quadro psicótico, em uma situação social de extrema vulnerabilidade, que vive de catar os restos, com menor charme poético do que a imagem dos trapeiros das ruas de Paris descritos por Baudelaire (Benjamin, 2011). A sua psicose se mostra estreitamente associada, se seguimos o seu próprio relato, às experiências que ela teve ao longo da vida e que revelam, de uma forma crua, diferentes aspectos da dominação capitalista. Ao mesmo tempo, traz à tona a condição social de mulheres negras, cuja vida psíquica e saúde mental se associam diretamente à cor de sua pele e a um conjunto de experiências que também dizem respeito ao modo como ela é ou não reconhecida. Em outras palavras, coloca-se a pergunta sobre como escutar mulheres negras em sua singularidade, concebendo-se que, em tais enunciações singulares, a do inconsciente de cada uma delas revela-se, ao mesmo tempo, um certo tipo de *experiência social*.

Uma das expressões contemporâneas de uma teoria social crítica não diretamente relacionada com a tradição do *Instituto de Pesquisa Social* de Frankfurt é o conceito de interseccionalidade reivindicado, entre outras(os), por Patricia Hill Collins (2022). Para esta feminista norte-americana, há diferentes formas de dizer o que é uma teoria crítica, onde ela destaca a Teoria Crítica frankfurtiana, os estudos culturais britânicos e o que chama de teoria social francófona. Sem descartar as contribuições dessas três vertentes teóricas, a autora aponta a interseccionalidade como uma modalidade de investigação crítica, onde se destacam as questões de classe, raça e gênero, e não apenas estas, como expressão do que são os quadros de injustiça herdados da sociedade moderna.

O racismo como forma de poder, dominação e injustiça, passou a ser pautado pela psicanálise no Brasil, ao que consta, de uma forma mais enfática há aproximadamente uma década (Kon; Silva; Abud, 2017), não obstante, já há algum tempo tenha sido apontado como algo acerca do qual os(as) psicanalistas deveriam se posicionar. Trata-se de uma forma de dominação tão evidente quanto, ao mesmo tempo, difícil de ser incorporada aos debates do campo psicanalítico. A problemática do racismo e da branquitude tem sido destacada em concomitância com os debates já consolidados nas Ciências Humanas acerca da colonialidade e das recentes repercussões sobre questões relativas à história da psicanálise, em especial a partir da publicação, em português, do livro de Elisabeth Danto, *As Clínicas Públicas de Freud* (2019).

Em alguma medida, as questões que surgem no âmbito da psicanálise no Brasil acerca da questão racial têm uma característica em comum com posicionamentos dos pensadores frankfurtianos de primeira geração: as intervenções mais conhecidas e citadas buscam abordar o racismo como um *problema social e histórico* que pode ser interpretado através de conceitos oriundos da teoria psicanalítica freudiana. Tais contribuições não se referem, de uma forma imediata, às questões propriamente clínicas. Referimo-nos aqui a nomes como Lélia Gonzalez (2019), Neusa Santos Souza (2021) e Isildinha Baptista Nogueira (2021). Consideramos também a importância da contribuição de Rita Segato (2021)⁴. O racismo tem para elas uma característica fundamental, que é objeto da metapsicologia freudiana: há no racismo alguma dimensão inconsciente de negação³.

Lélia Gonzalez, em diferentes de seus ensaios, dentre os quais destacamos aqui “Racismo e Sexismo na cultura brasileira” e “A categoria político-cultural da amefricanidade” (Gonzalez, 2019), irá tratar o racismo na cultura brasileira a partir de Freud e Lacan, enxergando nesse racismo o que ela chama de “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (Gonzalez, 2019, p. 76). Embora Lélia, cuja origem intelectual está nas Ciências Sociais, esteja fazendo uma afirmação que aparenta ser também macrosociológica, a autora está falando daquilo que se passa no psiquismo de cada um dos brasileiros, sejam brancos ou pretos. Tendo em vista a citação acima, Lélia estaria dizendo que a neurose se expressa como um mecanismo de defesa na ordem do recalque. Muito embora, no texto sobre a amefricanidade, ela irá também se referir ao mecanismo da denegação (*Verneinung*) como algo que nos auxilia a compreender o modo pelo qual, no Brasil, há uma peculiar e histórica característica de se dizer que não há racismo, repetido, por exemplo, na frase corriqueira “eu não sou racista”.

É curioso atentarmos que as percepções de Lélia Gonzalez de tentar compreender a dominação racial no Brasil, a partir de conceitos psicanalíticos, vão ao encontro de duas psicanalistas negras: Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira, cujos textos iniciais sobre racismo e psicanálise foram produzidos, respectivamente, no início da década de 1980 e no final da década de 1990. Suas pesquisas apenas recentemente passaram a ser amplamente divulgadas nos meios acadêmico e psicanalítico. O trabalho de Neusa, cuja popularidade hoje se deve principalmente pela publicação da obra *Tornar-se Negro* (Souza, 2021), cuja origem é uma dissertação de mestrado publicada como livro em 1983, dedicou grande parte de sua vida e trajetória psicanalítica ao estudo das psicoses. Há algo nessa obra, e que nos parece ser fundamental nas três autoras mencionadas acima, que está relacionado ao fato de que para elas o conceito de narcisismo (Freud, 1914/2015; 1921/2016a) opera como significativo para compreendermos as relações de dominação que se impõem sobre a população negra como algo que diz respeito, entre outros aspectos, à formação do Eu, e mais precisamente ao ideal do Eu, tal como teorizado por Freud:

Já em ocasiões anteriores (“Narcisismo”, “Luto e melancolia”) fomos levados à suposição de que em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. Nós a chamamos “ideal do Eu” e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão (Freud, 1921/2016 b, p. 67–8).

Para Lélia Gonzalez, ao se situar no mesmo caminho aberto por Frantz Fanon (2008), o racismo coloca o problema da identificação, do modo pelo qual o dominado se identifica com o dominador. Esse mesmo mecanismo é destacado por Neusa Santos Souza, quando se refere ao fato de que os negros tomam a brancura como um ideal que se refere ao próprio corpo:

O negro de quem estamos falando é aquele cujo ideal do ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido, e que endossa a luta para realizar esse modelo (Souza, 2021, p. 65).

A identificação com o dominador se manifesta enquanto uma negação desse corpo, e sua cor, trazendo aos homens e mulheres negras um sofrimento psíquico intenso. Aqui, opera não apenas o traumático sobre seu inconsciente, mas opera a própria alienação de sua condição de sujeito, no caso, daquilo que diz respeito à própria constituição de seu desejo.

Os textos de Lélia Gonzalez nos ajudam a perceber que isso que ela nomeia como um sintoma se expressa de muitas maneiras, especialmente no modo pelo qual a linguagem indica não apenas diretamente, mas “cotidianamente” (Kilomba, 2019) a violência racial sobre a população negra. Ela expressa igualmente o apagamento, a exclusão e/ou a denegação de uma cultura, a cultura negra, que está na base formativa dos laços sociais que são ao mesmo tempo expressão de poder e dominação. Leitora atenta de Lacan, chama a atenção a seguinte passagem sobre falas cotidianas dos sujeitos negros:

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante, dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem é o ignorante? (Gonzalez, 2020, p. 90).

Por outro lado, se Lélia Gonzalez se refere ao racismo como uma forma de negação que aponta predominantemente para uma dimensão do recalque (*Verdrängung*), ou da neurose, ela irá também se referir a algo que Rita Segato (2021) irá tratar como sendo da dimensão da forclusão (*Verwerfung*). Trata-se da completa exclusão de nossa história cultural enquanto representação do simbólico, da figura da mãe negra, como um/a personagem apagado/a da história oficial. A partir de uma pintura, cuja autoria é historicamente polêmica, em que uma mulher negra segura uma criança branca no colo, sendo que tal criança seria, segundo alguns historiadores, o próprio Imperador d. Pedro II, a autora desenvolve o argumento do Édipo negro. A partir dessa imagem, Segato reflete sobre o papel da babá, da ama de leite, da “cuidadora” de cor negra que tem com a criança branca uma ligação cuja função simbólica desaparece por completo na narrativa racial brasileira. Visto que, não apenas durante a escravidão, mas até muito recentemente na história brasileira, advém a figura da mulher negra como babá que costumeiramente tem uma relação de profunda intimidade com a criança branca, substituindo as tarefas de cuidado da mãe biológica, somos levados a pensar que aí reside algo da formação do inconsciente. Algo que é, ao mesmo tempo, negado enquanto pertencente ao registro simbólico.

Cabe aqui um lembrete: por um lado, todas as autoras acima mencionadas, em graus diferentes, aproximam-se de Lacan. Mas, no caso acima, em linguagem lacaniana, transitamos por problemas quanto à formação do inconsciente que se dá entre o real, o imaginário e o simbólico. Por outro lado, a imagem quanto à relação entre mãe e bebê não nos deixa esquecer as questões levantadas na obra de Axel Honneth e sua leitura de Winnicott (Camargo, 2025). Em outras palavras, é sugestivo pensar sobre como interpretaríamos tanto a problemática do ideal do Eu das pessoas negras como a relação entre mãe/cuidadora negra e criança branca, tendo em vista uma psicanálise de orientação intersubjetiva, já que, para Honneth, o próprio narcisismo deixou de ter um papel relevante para a compreensão da vida psíquica (Marin, 2022).

Talvez seja redundante lembrar que as autoras acima, com maior ou menor ênfase, associam o fenômeno do racismo ao da colonialidade, e em tonalidades também diferentes apontam para aquilo que Patricia Hill Collins nomeia como interseccionalidade, antes que esse conceito se tornasse amplamente conhecido nas Ciências Humanas. As autoras mencionadas estão questionando, a partir da psicanálise, ou de conceitos psicanalíticos, o modo pelo qual o saber sobre a vida psíquica das pessoas não pode estar separado de relações de classe, gênero e raça. No caso da questão racial, ela aponta para a “cor do inconsciente” (Nogueira, 2021), refere-se, conforme propomos, a uma experiência social sem a qual esse inconsciente não é apreensível. Assim, é possível voltar ao motivo pelo qual iniciamos falando sobre modernidade, esclarecimento e o papel paradigmático de Descartes.

Curiosamente, em outras palavras, esse tipo de entendimento que será ao seu modo tratado por Isildinha Nogueira aponta mais uma vez para a noção de uma teoria social crítica. Segundo a psicanalista, ao falar de sua tese, que deu origem ao livro:

Teoricamente, tal perspectiva se justifica na concepção de que há uma interação dialética entre as representações sociais — ideologicamente estruturadas — sendo produto das estruturas socioeconômicas e as configurações que constituem o universo psíquico dos indivíduos. Tal perspectiva foi proposta, primeiramente, pelos freudomarxistas, como nos coloca Sergio Paulo Rouanet... (2021, p. 34).

O que se pretende sugerir é que o pensar uma práxis psicanalítica emancipatória deve considerar os diferentes aspectos que estão implicados naquele de interseccionalidade, sobre o qual não é possível um maior aprofundamento nesse momento. Mas, o que está em questão, conforme propomos, é o próprio conceito de dominação, que ao tratar, necessariamente, de questões de classe, raça e gênero, tem em seu núcleo, em última instância, o conceito de capitalismo, e o capitalismo tardio, como o objeto em torno do qual gravitam as contradições entre dominação e emancipação. Entendemos que o problema da dominação está diretamente associado ao não idêntico (Adorno, 2009), que por um caminho epistemologicamente distinto foi tratado sob a consigna da diferença na leitura pós-estruturalista, especialmente na obra de Deleuze e Guattari (2010). Para ser claro, a dominação é passível de ser compreendida interseccionalmente, mas ela é acima de tudo a lógica da identidade, a impossibilidade da diferença e do não idêntico. Retomamos aqui a imagem de “Estamira”: mulher, pobre, negra e... anormal. Também aqui poderia mais uma vez sugerir: não seria o modo de existência de Estamira melhor elucidado através da mobilização da noção de experiência social?

III — Modernidade, antirracismo e antipsiquiatria

Que relação há entre colonialidade, racismo e loucura? Estamos falando sobre estruturas e processos articulados enquanto modernidade e dominação, que por sua vez encontra sua forma de efetivação histórica no modo de produção capitalista. Frantz Fanon, em seu trabalho publicado com o título *Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos* (2020), traz em um de seus ensaios⁵ a sua experiência, então como um psiquiatra bastante atuante. Dentre suas andanças como médico e militante, em uma delas, no Magreb, percebe que os muçulmanos tratam os chamados loucos, os anormais, de uma forma bastante distinta com a qual o próprio Fanon estava acostumado a lidar em sua prática médica. Para aquela cultura, dos magrebinos, dificultava-se, aos olhos do próprio autor, aplicar-se de imediato o conceito Ocidental, e da psiquiatria tradicional, de psicose. Lembramos esse exemplo sobre Fanon para trazer à tona algo que se relaciona ao racismo e à colonialidade, que são os processos de exclusão daquilo que se concebe como normalidade a partir da epistemologia e do olhar branco, o qual busca se impor diante das mais diferentes culturas. Roger Bastide (2016) irá apontar para algo similar em um contexto bem distinto. O antropólogo francês irá mostrar como as manifestações de religiões afro-brasileiras trazem modos de existência, modalidades comportamentais, como os ritos de possessão, que aos olhos da psiquiatria Ocidental são facilmente tomados como psicoses, ou loucura. Enquanto para os integrantes de uma matriz religiosa, como o batuque, o comportamento excêntrico do participante de um ritual apenas faz parte de sua compreensão de mundo, similarmente àquela apreendida por Fanon e seus pacientes magrebinos.

A lembrança da obra de Fanon serve também para continuarmos problematizando a relação entre teoria crítica e psicanálise, mas agora a partir de outras referências. Se Collins (2022) reivindica a interseccionalidade como uma forma de teoria social crítica, antes dela o pós-estruturalismo francês se colocava nessa posição de uma crítica da modernidade em muitos aspectos similares àquela da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, tema esse trabalhado pelos próprios pensadores frankfurtianos como Habermas (1992) e Honneth (1991). Muito embora, de modo geral, quanto a estes dois filósofos, para criticar as opções teóricas de Deleuze e Foucault como pensadores que teriam cedido em demasia à herança de Nietzsche. Falar de Frantz Fanon também nos remete mais uma vez à experiência de Jean Oury e do jovem Guattari nos anos 1950, e sua psicoterapia institucional, porque

os debates sobre poder, dominação e psicoses adquiriram uma dimensão de grande importância naquela década (Gabarron-Garcia, 2023). Entendemos que os anos 1950 foram uma espécie de divisor de águas na história da teorização e forma de tratamento das psicoses. Quando Gabarron-Garcia situa a experiência de La Borde como uma práxis psicanalítica emancipatória, ele pouco aprofunda um aspecto decisivo daquela experiência: o que estava no centro da prática clínica daqueles psicanalistas, já bastante influenciados por Lacan, era a possibilidade de tratamento das psicoses, um tema que sempre foi de grande dificuldade para a história da psicanálise.

A dominação social capitalista que se manifesta nas relações de classe, raça e gênero, igualmente incide sobre aquilo que a psiquiatria tradicional, e seu principal instrumento de poder que é o DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), designa como patologia, ou anormalidade. E é nesse sentido que consideramos relevante esse período histórico que será o do posicionamento de diferentes pensadores, psiquiatras e psicanalistas, sobre a problemática da loucura e das psicoses. Estas foram alçadas a uma problemática também política, como algo relativo às formas de poder e dominação demarcadores de um período histórico e quanto às próprias contradições do capitalismo.

Já no início da década de 1960, a *História da Loucura* de Foucault (2014) se mostrou como a mais importante referência sobre este tema no pensamento contemporâneo. O conjunto de sua obra posterior, especialmente nos anos 1970, erigiu não apenas a crítica genealógica do poder, mas tentou desvendar os modos pelos quais a psiquiatria sempre esteve indissociavelmente ligada ao poder e a dominação. O fato é que justamente a partir da década de 1950 constatamos significativas modificações na história da psiquiatria. Se, por um lado, naquele momento histórico, o modelo dos grandes manicômios não só se manteve inalterado, mas em muitos lugares se intensificou, ao mesmo tempo, a década de 1950 trouxe o advento dos novos medicamentos psiquiátricos, que prometiam ser um revolucionamento no tratamento das psicoses, especialmente a esquizofrenia, adotada como o grande protótipo do conceito de loucura.

Nos anos 1950, surgiu em Londres outra grande corrente intelectual de crítica da psiquiatria moderna. Tendo como referência principal Ronald Laing, tem início a antipsiquiatria britânica, inspirada teoricamente no existencialismo francês. O núcleo em torno do qual se ergueu a antipsiquiatria britânica foram as reflexões e as práticas clínicas sobre o conceito de esquizofrenia, adotando-se como posicionamento, de natureza também política, a visão de que a esquizofrenia não seria necessariamente uma doença, uma patologia, mas uma determinada forma de experiência. Para Laing (1969), a esquizofrenia se referia a uma experiência existencial. Essa experiência tem fortes conotações políticas, visto que a experiência do Eu, para ele, não se refere a algo relativo exclusivamente à natureza interna do indivíduo, mas diz respeito a uma dimensão psicossocial, em que ganha destaque o ambiente familiar daquele(a) que foi diagnosticado(a) como doente mental.

Para a antipsiquiatria, o que a psiquiatria tradicional nomeia como loucura ou psicose é um fenômeno caracterizado por relações de interação, especialmente familiares, que apontam para uma dimensão ontológica em torno da qual se apresentam determinados sintomas, tais como os delírios e alucinações. Laing e Esterson (1977) examinaram o tipo de linguagem estabelecida entre os membros de uma mesma família, apreendendo o modo pelo qual um de seus membros, aquele(a) diagnosticado(a) com esquizofrenia, possuía uma série de comportamentos e posturas, para eles existenciais, tidas como anormais para os outros integrantes do núcleo familiar. O surgimento do esquizofrênico, conforme Laing, é resultante da relação do indivíduo com um outro, tomado aqui em um sentido intersubjetivo, aproximando-se, nesse sentido, tanto da fenomenologia como da tradição psicanalítica inaugurada por Winnicott (Camargo, 2024).

Entendemos que uma possibilidade de aproximação entre teorias significativamente diferentes, como as de Foucault e Laing, está em um entendimento do fenômeno da loucura como uma *forma de experiência*, embora os autores defendam modelos epistemológicos distintos. Ainda neste mesmo contexto histórico, podemos registrar que o fenômeno da loucura teve outros desdobramentos teóricos, como o ingresso, por parte de Lacan, na problemática das psicoses (Lacan, 1955-6/2010), algo historicamente de difícil abordagem na tradição psicanalítica. Enxergando o tema das psicoses de um modo bastante distinto dos pensadores mencionados acima, Lacan abre o caminho para um tratamento possível das psicoses com base em uma teorização psicanalítica quanto à sua especificidade como uma estrutura clínica. Tais menções rápidas aos problemas da loucura e das psicoses permitem apontar que a problemática da “anormalidade” é também um dos aspectos em torno dos

quais podemos pensar o não idêntico. Lembrando uma frase de Adorno, em um dos momentos de sua crítica à psicanálise, ao falar sobre neuroses e psicoses: "... uma divisão que faz do rico um neurótico e do pobre um psicótico" (2007, p. 123).

Em uma passagem do documentário *Estamira*, a protagonista diz que, quando vai até o posto médico, após uma breve consulta, retorna para casa com uma receita de "Diazepan". As formas contemporâneas de subjetivação que se impõem através dos diagnósticos e da medicalização são também expressões muito vivas da colonialidade. A antropóloga Juliana Rosalen, em sua investigação com povos indígenas (Rosalen, 2017), mostra como estes, ao terem contato com o sistema de saúde dos brancos, igualmente voltam para suas aldeias com caixas de medicamentos para tratamento de alguma psicopatologia encontrada no manual do DSM. Tal como nos referimos antes à obra de Bastide (2016) sobre as diferenças culturais entre brancos e negros, em que manifestações, muitas vezes de cunho religioso, logo se tornam algum tipo de psicose, ou anormalidade, sob a ótica das pessoas brancas e Ocidentais.

Um dos desafios de uma práxis psicanalítica emancipatória estaria também em como pensar em diferentes modos de existência, ou formas de experiência social, sejam as dos povos indígenas ou alteridades que não se situem na referida modernidade branca, heteronormativa e Ocidental. Historicamente, postulou-se que no caso do tratamento das psicoses, há obstáculos a que se estabeleça uma relação de transferência entre analista e analisante, por razões que dizem respeito à própria ordem da linguagem. Podemos nos indagar sobre se há ou não algo similar, enquanto apreensão da radical diferença de experiências, entre, por exemplo, analista branco e mulher negra. Não dispomos, no momento, de uma resposta para essa indagação. Por outro lado, quanto aos desdobramentos que teve a psiquiatria nas últimas décadas, e a passagem do que Deleuze chama de sociedade disciplinar para a sociedade de controle (Deleuze, 1992), parece evidente que no capitalismo tardio os processos neoliberais e colonizadores dos diagnósticos e da medicalização se estendem pelos mais diversos territórios do planeta. Tais processos evidenciam que a universalidade da forma mercadoria, como teorizada por Marx em *O Capital* (2016), não pode ser descartada como mero anacronismo.

Considerações Finais

Buscou-se considerar, neste ensaio, alguns desdobramentos contemporâneos da relação entre psicanálise e teoria crítica, tomando como referência a indagação sobre o que é ou seria uma práxis psicanalítica emancipatória enquanto uma preocupação surgida da própria clínica psicanalítica. No âmbito da teoria crítica, privilegiamos, enquanto horizonte teórico, a leitura que faz Adorno de Freud, no sentido de que o postulado da emancipação, se for pertinente à psicanálise, só consegue adquirir radicalidade quando recuperamos a noção adorniana de não idêntico. A teorização da não identidade demarca a singularidade de sua leitura quanto ao inconsciente em comparação a outros pensadores da chamada Escola de Frankfurt.

Por outro lado, entendemos que a relação entre psicanálise e modernidade, em especial em Freud e Lacan, nos possibilita pensar inúmeras ambiguidades, na medida em que ambos os psicanalistas não demonstram em suas obras uma crítica da modernidade ampla o suficiente para revelar os índices da dominação que ela carrega. Ao mesmo tempo, essa modernidade, entrelaçada aos processos históricos da colonialidade e do racismo, traz um desafio cotidiano à práxis psicanalítica. Os efeitos da dominação são perceptíveis naquilo mesmo que se enuncia pelos sujeitos que chegam a ser escutados por um analista, visto que a psicanálise continua a ser, predominantemente, uma prática e um saber branco e elitista.

Se neste ensaio privilegiamos a imagem de Estamira, uma mulher negra e com diagnóstico de psicose, para articularmos a relação entre psicanálise e emancipação, é porque, na biografia dessa personagem, acreditamos visualizar uma determinada experiência social, que, na indeterminação de sua singularidade, revela, ao mesmo tempo, a universalidade da forma mercadoria. Seguidores da teoria crítica em 2023 se reuniram em Frankfurt para debater o passado e o futuro do que alimentou a criação do *Instituto de Pesquisa Social*, e na continuidade do que defenderam os(as) colegas frankfurtianos (IFS, 2023), enfatizamos que o pensar a emancipação deve continuar a considerar as contribuições da psicanálise, e, de outro lado, os psicanalistas, que se indagam sobre

a pertinência e a potencialidade emancipatória de sua prática clínica, poderiam atentar um pouco mais para a inconformidade que está na base da teoria crítica.

Referências

- Adorno, T. W. (2007). *Ensaio Sobre Psicologia Social e Psicanálise*. São Paulo, Brasil: Unesp.
- Adorno, T. W. (2009). *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Adorno, T. W., Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Bastide, R. (2016). *O Sonho, o transe e a loucura*. São Paulo, Brasil: Três Estrelas.
- Benjamin, W. (2011). Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In W. Benjamin, *Obras escolhidas: Vol. III*. São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Camargo, S. (2006a). *Modernidade e Dominação: Theodor Adorno e a teoria social contemporânea*. São Paulo, Brasil: Annablume/Fapesp.
- Camargo, S. (2006b). Axel Honneth e o Legado da Teoria Crítica. *Revista Política & Trabalho*, (24), 213-138.
- Camargo, S. (2017). A teoria crítica na multiplicidade de suas vozes. In S. Camargo & J. P. da Silva (Orgs.), *A teoria crítica na multiplicidade de suas vozes* (pp. 17-31). São Paulo, Brasil: Annablume.
- Camargo, S. (2024). *Loucura e Experiência Social*. São Paulo, Brasil: Pimenta Cultural.
- Camargo, S. (2025). *Psicanálise e emancipação: teoria crítica, clínica e experiência*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Castel, R. (1978). *O Psicanalismo*. Rio de Janeiro, Brasil: Graal.
- Collins, P. H. (2022). *Bem Mais que Ideias. A interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Danto, E. (2019). *As Clínicas Públicas de Freud*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Descartes, R. (1983). *Meditações*. São Paulo, Brasil: Abril Cultural.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações 1972-1990*. São Paulo, Brasil: Ed. 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo*. São Paulo, Brasil: Ed. 34.
- Dussel, H. (2008). Meditaciones anti-cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidad. *Tabula Rasa*, 9, 153-197.
- Fanon, F. (2020). *Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos*. São Paulo, Brasil: UBU Editora.
- Foucault, M. (2014). *História da Loucura*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Freud, S. (2017). *A Interpretação dos sonhos*. Porto Alegre, Brasil: L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2015). Introdução ao Narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas: Vol. 12. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 13-50). São Paulo, Brasil: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010). Caminhos da Terapia Psicanalítica. In S. Freud, *Obras Completas: Obras Completas. Vol. 14. História de uma neurose infantil (o homem dos lobos), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 279-92). São Paulo, Brasil: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2016a). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In S. Freud, *Obras Completas. Vol. 15. Psicologia das massas e análise do eu, o eu e o id e outros textos (1920-1923)* (pp. 13-113). São Paulo, Brasil: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2016b). A negação. In S. Freud, *Obras Completas. Vol. 16. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 275-282). São Paulo, Brasil: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)

- Gabarron-Garcia, F. (2023). *Uma História da Psicanálise Popular*. São Paulo, Brasil: UBU Editora.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo séc. XVI. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49.
- Marin, I. (2022). *Narcisismo e Reconhecimento. Os rumos da psicanálise na Teoria Crítica*. São Paulo, Brasil: Unifesp.
- Habermas, J. (1992). Modernidade - Um Projeto Inacabado. In O. B. F. Arantes & P. E. Arantes, *Um Ponto Cego no Projeto Moderno de Jürgen Habermas: Arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas* (p. 99-124). São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Honneth, A. (1991). *The Critique of Power: Reflective Stages in a critical social Theory*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Horkheimer, M. (1983). *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. São Paulo, Brasil: Abril Cultural.
- Instituto de Pesquisa Social. (2023, 30 de novembro). 100 anos do Institut für Sozialforschung (IfS): Perspectivas [Post em blog]. <https://blogdaboitempo.com.br/2023/11/30/100-anos-do-institut-fur-sozialforschung-ifs-perspectivas/>. (Trabalho original publicado em 1937)
- Kant, I. (1985). *Resposta à pergunta: o que é o Aufklärung?* In I. Kant, *Textos Seletos*. (R. Vier & F. S. Fernandes, Trans., pp. 100-117). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro, Brasil: Cobogó.
- Kon, N. M., Silva, M. L. da, & Abud, C. C. (Orgs.). (2017). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questões para a Psicanálise*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Lacan, J. (2022). *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Lacan, J. (2010). *O seminário: Livro 3. As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1988). *O seminário: Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2016). *O seminário: Livro 17. O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)
- Laing, R. D. (1969). *The Divided Self*. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books.
- Laing, R. D., & Esterson, A. (1977). *Sanity, Madness and the Family*. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books.
- Marx, K. (2016). *O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital* (R. Enderle, Trad.). São Paulo, Brasil: Boitempo.
- Nogueira, I. B. (2021). *A Cor do Inconsciente: Significações do corpo negro*. São Paulo, Brasil: Perspectiva.
- Prado, M. (Diretor). (2005). *Estamira*. [Filme-documentário]. Brasil: Zazen Produções.
- Rosalen, J. (2017). *Tarja Preta: um estudo antropológico sobre 'estados alterados' diagnosticados pela biomedicina como transtornos mentais nos Wajãpi do Amapari* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos*. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica.
- Segato, R. (2021). O Édipo negro: colonialidade e forclusão de gênero e raça. In R. L. Segato, *Crítica da colonialidade em oito ensaios: Antropologia por um mandato decolonial* (pp. 211-246). Rio de Janeiro, Brasil: Bazar do Tempo.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Winnicott, D. W. (2019). *O Brincar e a Realidade*. São Paulo, Brasil: UBU Editora.

Notas

- [1]: Ao falarmos aqui de Escola de Frankfurt nos referimos, como forma de exposição, aos pensadores associados ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt que completou um século de fundação em 2023. Em diversos trabalhos anteriores explicitamos nosso entendimento sobre o significado dos termos Escola de Frankfurt, Teoria Crítica, e seus diferentes sentidos (Camargo, 2006a; 2006b; 2017).
- [2]: Trata-se de um filme documentário dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha lançado no Brasil em 2004. Narra o cotidiano e elementos biográficos de Estamira Gomes de Souza, homônima ao título do filme. Estamira faleceu no Rio de Janeiro em 2011. O filme foi vencedor de diversos prêmios nacionais e internacionais.
- [3]: Conforme, em um de seus desenvolvimentos possíveis, o ensaio de Freud “A negação” (Freud, 1925/2016b).
- [4]: Referimo-nos aqui especificamente ao ensaio “O Édipo negro: colonialidade e forclusão de gênero e raça” (Segato, 2021, p. 211-246).
- [5]: Fanon, F. (2019). “Atitude do muçulmano magrebino diante da loucura” (p. 245-250).

Contribuição dos Autores

Conceitualização: S.C.C
Redação do manuscrito: S.C.C
Análise dos dados: S.C.C
Revisão e edição: S.C.C

Submetido em: 05/12/2025
Aceito em: 11/02/2026

Como citar:

Camargo, S. Teoria crítica e psicanálise: da crítica à modernidade ao antirracismo. *Rev Polis e Psique*. 2026, 16: e026016.

Financiamento:

Não houve financiamento.